

# Debatendo o feminismo negro e o empoderamento de jovens negras em tempos pandêmicos: a experiência das *lives* do NEPGS-BG

Leticia Schneider Ferreira<sup>1</sup> e Robert Reiziger de Melo Rodrigues<sup>2</sup>

## RESUMO

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do *Campus* Bento Gonçalves (NEPGS-BG) surgiu em 2015 com o objetivo de debater estratégias de enfrentamento ao machismo e à homofobia, além de ser um espaço de acolhimento e de produção científica. Os discentes são os protagonistas, de forma que eles decidem quais temas serão debatidos nas reuniões. A partir de 2020, com a pandemia de Covid-19, que exigiu uma série de cuidados, entre eles o distanciamento social, as reuniões foram feitas de forma virtual através do Google Meet. Em uma dessas reuniões, observou-se que alguns grupos se tornaram mais vulneráveis graças à pandemia do que outros; foi o caso das mulheres negras. Nesse sentido, realizaram-se três *lives* via Youtube com o objetivo de empoderar mulheres negras jovens. As *lives* realizadas durante o período pandêmico ficaram disponíveis para livre acesso no Youtube e, atualmente, somam mais de 500 visualizações, o que reforça a importância do NEPGS-BG como espaço de difusão de conhecimentos e de pesquisa científica.

**Palavras-chave:** Feminismo negro. Empoderamento. *Lives*. NEPGS.

<sup>1</sup> Doutora em História, docente EBTB do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Bento Gonçalves.  
E-mail: [leticia.ferreira@bento.ifrs.edu.br](mailto:leticia.ferreira@bento.ifrs.edu.br)

<sup>2</sup> Estudante do curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Bento Gonçalves.  
E-mail: [robertreiziger2009@gmail.com](mailto:robertreiziger2009@gmail.com)

## Introdução

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do *Campus* Bento Gonçalves (NEPGS-BG) é um espaço institucional que busca incitar a reflexão, disseminar o conhecimento e promover o exercício democrático. Esse núcleo foi criado em 2015 por demanda dos estudantes do ensino médio do *Campus* Bento Gonçalves devido a uma série de ataques e agressões sexistas sofridas por uma discente em ambientes virtuais. Esses ataques desencadearam a necessidade de debater tais situações de violência, que também atingiam outros estudantes. A partir da criação do NEPGS-BG, realizaram-se reuniões semanais com o intuito de debater temas pertinentes aos estudantes, como os conceitos de gênero e sexualidade, masculinidade tóxica e empoderamento feminino. Na maioria das vezes, os próprios estudantes selecionavam os temas e, com o auxílio dos professores, conduziam os debates e reuniões.

Em 2020, em virtude da disseminação da Covid-19, que exigiu uma série de cuidados, como o isolamento social, o NEPGS-BG viu-se na necessidade de buscar outras maneiras de continuar os trabalhos. Nesse sentido, optou-se por realizar as reuniões pela plataforma Google Meet, quinzenalmente. A participação dos discentes foi satisfatória, de forma que participaram, em média, cerca de 10 estudantes por reunião.

As reuniões virtuais foram pautadas pelos próprios discentes. Em uma das reuniões falava-se sobre as dificuldades enfrentadas por cada um ao longo da pandemia, momento em que se problematizou quais grupos sociais foram mais afetados. Chegou-se à conclusão de que o período foi mais desafiador para alguns grupos de modo mais específico (MARQUES, 2020). Entre esses grupos, destacaram-se as mulheres e, mais especificamente, as mulheres negras. Buscaram-se dados a fim de comprovar tal afirmação e chegou-se ao relatório da ONU Mulheres, publicado em 2020, que afirma o seguinte:

Entre os casos identificados, a Covid-19 se mostra mais mortal entre pessoas negras (pretas e pardas, segundo categorias utilizadas pelo IBGE e pelo Sistema Único de Saúde). Os dados disponíveis indicam que as/os afrodescendentes compõem a maior parte da força de trabalho empobrecida do Brasil, têm menos acesso a saneamento adequado e segurança alimentar e representam a maioria das pessoas que foram a óbito em decorrência da infecção pela Covid-19. (ONU, 2020, p. 1)

Observou-se, ainda, que muitas mulheres negras também sofrem pela violência doméstica e ocupam postos de trabalho de menor valorização, como o desempenho das funções de empregada doméstica. De acordo com a organização Oxfam Brasil:

O desemprego causado pela pandemia trouxe marcas mais profundas para a população negra e periférica, que historicamente sempre teve menos acesso aos postos de saúde, ao saneamento, às moradias dignas e às oportunidades de emprego. Com a chegada da Covid-19, essa desigualdade ficou mais acentuada. Além de terem menos espaço no mercado de trabalho, as mulheres enfrentam ainda outro problema: a dupla jornada. Durante a pandemia, as mulheres que mantiveram seus empregos se viram às voltas com questões extras de educação, lazer e entretenimento dos filhos, que passaram a ficar em casa com o fechamento das escolas. (OXFAM, 2020, s/p)

Tais dados trouxeram à tona a necessidade de se debater mais amplamente esse tema. Nesse sentido, visando abranger tanto o público institucional quanto o público externo à instituição, planejaram-se três *lives* abertas à comunidade, a serem transmitidas via Youtube. A seguir, serão apresentados alguns dados sobre a importância de debater o feminismo negro e, posteriormente, apresenta-se a ação extensionista.

## Desenvolvimento

O feminismo negro, ao contrário do que argumentam muitas críticas a essa corrente de pensamento, não se embasa em uma separação ou uma segmentação de um movimento em prol das demandas femininas, mas em uma reflexão teórica sustentada por fatos empíricos que ressaltam a existência de opressões que se sobrepõem às mulheres negras. Nesse sentido, Djamilia Ribeiro observa:

Existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e afastam. Enquanto feministas brancas tratarem a questão racial como birra e disputa, ao invés de reconhecer seus privilégios, o movimento não vai avançar, só reproduzir as velhas e conhecidas lógicas de opressão. [...] se a questão das mulheres negras é tão absurda é porque a arrogância do feminismo branco fez dela uma querela, e quando as pessoas querelam, não raciocinam bem. (RIBEIRO, 2018, p. 47)

O movimento feminista deve ter um caráter plural, abrigar diferentes olhares e reconhecer que a categoria “mulheres” está longe de ser homogênea. Portanto, as opressões que recaem sobre a diversidade do público feminino são também diversas, e é fundamental considerar elementos como raça e classe social para que o movimento possa ser concretamente mais acolhedor.

Autoras como Lélia Gonzalez (2020) referem a construção de “papéis” e “lugares” para a mulher negra que, de alguma forma, acabam por inferiorizá-la ou mesmo objetificá-la. Desse modo, é essencial fazer tais reflexões no intuito de romper com a lógica que apresenta restritas formas de existência para as jovens negras. Ações que visam ao empoderamento de meninas e jovens negras são de grande relevância para que sejam pautadas questões como a representatividade, a fim de incitar a abertura de um leque de possibilidades de ser e existir. O empoderamento, entretanto, é uma estratégia coletiva, e não uma perspectiva individual, ou seja, refere-se a ferramentas que auxiliam na constituição de despertar um olhar reflexivo sobre a história e o segmento social em que se vive, possibilitando sentimentos de pertencimento e valorização.

O combate ao racismo e a possibilidade de melhoria da condição de vida das meninas e jovens negras devem ser as premissas de toda a sociedade, e algumas instituições, como as escolas, têm função de destaque nesse processo. O ambiente escolar é o espaço da diversidade por excelência, e todos os segmentos sociais devem estar ali representados. A ausência de um segmento determinado não deve ser naturalizada, e é necessário questionar se todos estão sendo incluídos nesse importante espaço formativo. É possível destacar alguns avanços no âmbito legislativo, como a Lei n. 10.639/2003, que aborda a obrigatoriedade de estudar história e culturas afro-brasileira e africana, o que permite o contato dos estudantes negros com outras informações relativas à sua ascendência, rompendo com uma associação exclusiva do processo de escravização do período da modernidade. Quanto a isso, Campos e Soriano explicitam que:

[...] a escola como instituição e formadora de conhecimento tem o papel primordial de tratar sobre cultura e diversidade, destacando a importância de compreendermos a formação do povo brasileiro a partir das diferenças, conforme ratifica a Lei Federal nº 10.639/2003, que incluiu no currículo oficial da rede de ensino, de forma obrigatória, a presença da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, trazendo novamente a escola como referência e como ambiente de reformulação de pensamentos e atitudes frente aos desafios do combate ao preconceito racial. (CAMPOS, SORIANO, 2021, p. 110)

O exercício do empoderamento deve ser uma prática permanente, e necessita de maior conhecimento da participação feminina negra na história brasileira e da contribuição das mulheres negras nas mais diferentes áreas do saber. Nesse sentido, o NEPGS-BG planejou três *lives* abertas à comunidade e transmitidas via Youtube: um sarau literário, um relato de trajetórias de mulheres negras e uma palestra sobre a representatividade de mulheres negras na política.

O sarau literário foi realizado no Dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha, e Dia de Tereza de Benguela. Nesse sentido, apesar de ser organizado pelo NEPGS-BG, também contou com duas importantes participações: do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) e do Projeto de Ensino Conversas Literárias, que se reúne semanalmente para ler e debater contos literários. Esse sarau contou com a participação de servidores e estudantes do *Campus* Bento Gonçalves. O momento foi protagonizado por mulheres jovens que leram textos e cantaram músicas de autoras negras.

A segunda *live* intitulou-se “Mulheres pretas: trajetórias e narrativas formativas”. O objetivo foi dar visibilidade às histórias de mulheres negras no intuito de servir de inspiração para a juventude. Participaram desse momento três professoras universitárias, duas doutoras e uma mestranda, para falar sobre a inclusão de pessoas negras na universidade e no mercado de trabalho, além de salientar a importância das cotas para o ingresso em instituições públicas de ensino.

A última *live* teve como temática “Mulheres negras na política: democracia e representatividade”. Realizou-se um resgate da participação das mulheres negras nas diferentes esferas da cultura, da política e da economia, que até então estavam no ostracismo do silenciamento social. Esse apagamento da história foi contestado e ganhou destaque a importância das personagens femininas, como a rainha Teresa de Benguela, líder quilombola que viveu no século XVIII, e Luíza Mahins, mãe de Luís da Gama e reverenciada em seu papel em prol da perspectiva abolicionista no Brasil.

## Conclusão

É fundamental compreender as especificidades de grupos vulneráveis, como é o caso das mulheres negras, a fim de minimizar os impactos negativos a partir da promoção de ações que permitam a reflexão sobre a realidade dos segmentos sociais e o combate à marginalização em que se encontram. Para tanto, as questões relativas ao feminismo, e mais especificamente em relação ao feminismo negro, podem auxiliar na promoção do empoderamento de meninas e jovens negras. Além disso, a reflexão sobre a participação de mulheres negras na política e na cultura, além de suas contribuições para a construção da sociedade, é extremamente relevante para apontar os obstáculos impostos pelo sexismo e pelo racismo que estruturam a sociedade brasileira.

As *lives* realizadas durante o período pandêmico ficaram disponíveis para livre acesso no Youtube e, atualmente, somam mais de 500 visualizações, o que reforça a importância do NEPGS-BG como espaço de difusão de conhecimentos e de pesquisa científica.

## Referências

CAMPOS, L.L., SORIANO, R.S. Práticas educativas no combate ao racismo: discutindo estratégias para a educação infantil. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, 8(2), 2021, 108-118.

ONU. **Mulheres negras e Covid-19**. Informe v. 2, 2020. Disponível em <[https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/12/COVID19\\_2020\\_informe2.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/12/COVID19_2020_informe2.pdf)>. Acesso em: fev. 2022.

OXFAM. **Mulheres negras e pandemia**: reflexões sobre raça e gênero, 2020. Disponível em <<https://www.oxfam.org.br/blog/mulheres-negras-e-pandemia>>. Acesso em: fev. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.